
Mulheres Negras em Rede: a encruzilhada estratégica do Blogueiras Negras¹

Mariana Gomes da Silva SOARES²
Giovandro Marcus FERREIRA³
Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA

Resumo

Neste artigo, analisa-se a iniciativa do Blogueiras Negras, enquanto site e rede de mulheres negras ciberativistas e sua disputa por narrativas antirracistas e antissexista. Para isso, articulamos as discussões sobre midiaticização e ciberativismo através da ferramenta metodológica da interseccionalidade, produzida dentro do feminismo negro. Inserida no contexto da internet 2.0, o Blogueiras Negras se localiza num campo de batalhas por narrativas. Elas tensionam a hegemonia da supremacia branca e do patriarcado na tecnologia, não apenas pelo simples fato de existirem, mas também por orientarem uma apropriação específica do ciberespaço.

Palavras-chave: ciberativismo, ciberespaço, feminismo negro, interseccionalidade, midiaticização.

Este artigo nasceu de uma série de reflexões sobre quem produz tecnologia, perguntas feitas pelas autoras a partir da experiência de iniciação científica da autora⁴ e é um aprofundamento do trabalho apresentado no Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal da Bahia, em 2018, sob o título “Midiaticização e Ciberativismo Afrofeminino”. Para esta oportunidade, continuo a análise do Blogueiras Negras, site e rede que nasceu com a intenção de amplificar as vozes de mulheres negras no ciberespaço. O Blogueiras Negras se liga particularmente à minha história através de seus textos e integrantes da rede que me permitem compreender como questões de gênero e raça permeiam a vida social. Além disso, é um esforço em colaborar com a luta de antepassados pelo direito à educação, à voz e à memória.

Um de nossos esforços nesse trabalho é não reduzir o agenciamento das ciberativistas em questão no melhor separatismo moderno entre sujeito e objeto, mas compreender como

¹ Trabalho apresentado na II - 5 do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Graduanda em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia. 7º semestre, e-mail: go.soa.mari@gmail.com

³ Doutor e mestre em Ciências da Informação Medias, no Institut Français de Presse et Communication (Université Paris 2 Panthéon-Assas). Docente da Faculdade de Comunicação (UFBA). Pesquisador do CNPq, e-mail: giovandro.ferreira@gmail.com

técnica dialoga com a vida e a luta. Para isso vamos nos utilizar da reflexão em torno do conceito de midiaticização e ciberativismo, tendo o panorama de interseccionalidade desenvolvido pelo feminismo negro enquanto metodologia.

Tendo em vista as discussões sobre midiaticização e ciberativismo dispostas a seguir, buscamos neste artigo não nos reter apenas às discussões sobre hegemonia, nem olhar somente para as implicações tecnológicas sobre as práticas sociais, mas compreender que mídia, em sua multiplicidade, e a própria sociedade dialogam de forma a influenciar também na produção das tecnologias de informação e comunicação.

Interseccionalidade

Através da interseccionalidade buscamos compreender parte da complexidade do Blogueiras Negras. Um dos expoentes dessa organização teórica, a afro estadunidense Kimberlé Crenshaw define interseccionalidade como uma metáfora que ajuda a considerar as estruturas de subordinação. Para ela, as discriminações podem ser compreendidas como ruas onde trafegam carros. A sobreposição dessas discriminações produz uma intersecção dessas ruas. Caso alguém esteja no meio dessa intersecção será atingida por um desses carros e necessitará de socorro por conta da colisão. Abordagens universalistas de problemas de gênero, raça e outras discriminações se estruturam como excludentes, explicadas por Crenshaw no “Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero”⁵. Hora as vítimas acidentadas se deparam com a superinclusão, onde "aspectos que o tornam um problema interseccional são absorvidos pela estrutura de gênero", por exemplo, hora com a “subinclusão”, onde se invisibilizam questões específicas que moldam o tipo de discriminação ou subordinação para um subgrupo em vantagem da prioridade geral na agenda do grupo.

Em resumo, nas abordagens subinclusivas da discriminação, a diferença torna invisível um conjunto de problemas; enquanto que, em abordagens superinclusivas, a própria diferença é invisível. A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum,

⁵ CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista Estudos Feministas. p.171-188, v. 10, n.1, 2002. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/381/38110111/>>. Acesso em 01 de Abril de 2019.

a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. (CRENSHAW, 2002, p. 176)

Em “O que é Interseccionalidade?”⁶, a pesquisadora brasileira Carla Akotirene tensiona que este conceito não se estabelece estritamente a uma cosmo(visão). O ocidente tende a supervalorizar o que os olhos permitem enxergar, mas é necessário que os outros sentidos sejam acionados a fim de abordar as complexidades do mundo e socorrer quem foi acidentado na interseção. A interseccionalidade como letramento ancestral nos permite articular relações entre estruturas de opressão e identidade de forma comprometida com a libertação, sem cair nas retóricas rasas de "diversidade" e do "Outro". Isto porque ela é uma cosmologia, que ativando todos os outros sentidos destaca a humanidade de toda e qualquer pessoa.

Quando falamos que mulheres negras são atingidas pelo racismo e pelo cisheteropatriarcado não queremos dizer que nós somos apenas produto destas violências, sem nenhum tipo de poder sobre nossas vidas. Infelizmente as hegemonias nos concebem enquanto um bloco de coitadas, com corpos mutilados, incapazes e sem agência. Reconhecemos então o desafio de utilizar a ferramenta metodológica da interseccionalidade. Como nos revela Akotirene, nossas ancestrais e ainda hoje nós criamos vida em situações adversas e instrumentos que como a interseccionalidade tem o poder de prestar socorro a todos aqueles, que como as mulheres negras, são atingidos pelas vias do colonialismo, do sexismo e do racismo.

Por isso, destacamos que a interseccionalidade solicita compromisso ancestral e orientação geopolítica (AKOTIRENE, 2018), já que foi construída pela negrura em experiências transatlânticas. Logo, não pode ser abocanhada por movimentos neocolonizadores dentro e fora das universidades. A interseccionalidade não é narrativa teórica dos excluídos, mas sim tecnologia ancestral que nos instrumentaliza a não diagnosticar apressadamente o problema "dos negros", "dos latinoamericanos", "de gênero" como guia a alteridade que se aprende com a modernidade branconcêntrica.

Segundo a profecia yorubá, a diáspora negra deve buscar caminhos discursivos em atenção aos acordos estabelecidos com antepassados. Aqui ao consultar quem me é devido, Exu, divindade africana da comunicação, senhor da encruzilhada e, portanto da interseccionalidade responde como a voz sabedora do

⁶ AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte (MG). Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento. 2018.

quanto tempo a língua escravizada esteve amordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma, beber da própria fonte epistêmica, cruzada de mente-espírito. (AKOTIRENE, 2018, p.15).

Mediatização

A midiatização é uma área de pesquisa ganhou força a partir do fenômeno da digitalização. Numa perspectiva histórica, o conceito tem origem na Alemanha, com o termo cunhado pela primeira vez em 1933 por Ernest Manheim, e na Escandinávia, onde estão grandes nomes como Stig Hjarvard. Na Europa, outros territórios com tradição de estudo são o Reino Unido, a França e a Itália. A coletânea “Mediatization of Communication” (2014)⁷, organizada por Knut Lundby, aponta também o desenvolvimento da pesquisa nas Américas Latina e Anglo-saxônica. Cada local tem seu próprio enredo em torno da discussão de qual melhor nomenclatura, que envolvem as questões culturais de cada língua. Os estudos sobre midiatização fazem um esforço de alargar as compreensões sobre o conceito de mídia em relação às teorias clássicas da comunicação. Para além de inferir mídia no sentido das tecnologias mediadoras e dos efeitos na sociedade, os pesquisadores que se propõe a estar nesta área trabalham para criar um campo crítico e conceitos que se complementam. O alemão Friedrich Krotz observa uma multiplicidade no entendimento sobre mídia: estruturalmente como uma tecnologia e uma instituição e situacionalmente como uma máquina de produção e distribuição de conteúdo e um lugar de experiências sociais (KROTZ, 2014)⁸.

[...]new media come into existence as technologies for communication, in as far as these are accepted and used by people and thus become media – structurally as technologies and social institutions, situationally as producing and distributing specific content, such that spaces of experience for the receivers are created. This includes that historically people increasingly use media for more and more intentions, but also, that communicational forms and communicative activities of the people are changing by referring to media. (KROTZ, 2014, p; 156).

⁷ LUNDBY, Knut. Mediatization of Communication. Mediatization of Communication. Handbooks of Communication Science. Vol 21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

⁸ KROTZ, Friedrich. Mediatization as a mover in modernity: social and cultural change in the context of media change. Mediatization of Communication; Handbooks of Communication Science. Vol 21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

Para compreender estes tensionamentos da área de pesquisa sobre midiaticização, é importante olhar para trás e observar o que foi construído a partir das ideias de cultura de massa e cultura midiática. Neste caminho, a argentina Maria Cristina Mata⁹ (MATA, 1999) estudou a formulação da ideia de cultura de massa, quais as rupturas levaram ao alargamento rumo à cultura midiática e quais são os desafios para o campo da midiaticização, de forma a considerá-la como processo diverso e não homogêneo. Além disso, ela depreende na América Latina se criaram vários trabalhos que se detiam aos conflitos de hegemonia. Em suas palavras, cultura massiva se estabeleceu como foi entendido basicamente como um conjunto de objetos, produzidos para as massas e consumidos por eles. Cultura midiática por sua vez permitiu olhar para os novos desenhos de interações sociais e estruturação de práticas sociais, marcada pela existência dos meios tecnológicos. Com o conceito de midiaticização é possível notar que não só as tecnologias implicam nas relações sociais, mas que essas práticas sociais influenciam numa alteração significativa que produzem as tecnologias e os meios de produção e distribuição de informação.

En ese sentido la mediatización de la sociedad -la cultura mediática- nos plantea la necesidad de reconocer que es el proceso colectivo de producción de significados a través del cual un orden social se comprende, se comunica, se reproduce y se transforma, el que se ha rediseñado a partir de la existencia de las tecnologías y medios de producción y transmisión de información[...]. (MATA, 1999, p. 84)

O pesquisador brasileiro Antônio Fausto Neto enfatiza a natureza da mídia enquanto “referência engendradora” ao invés de simples auxiliadora das relações entre instituições e atores sociais. Esse ponto de vista nos orienta a uma descentralização da mídia nos estudos de comunicação e uma melhor relação com outras áreas de estudo, como as ciências sociais (THOMPSON, 2002)¹⁰, e outros campos sociais (HJARVARD, 2014)¹¹. Dessa forma, é possível atualizar as discussões sobre alienação, controle, privacidade e exploração que tanto aparece nos estudos de comunicação e nas áreas circundantes.

A expansão da midiaticização como um ambiente, com tecnologias elegendo novas formas de vida, com as interações sendo afetadas

⁹ MATA, Maria. De la cultura massiva a la cultura mediática. Diálogos de la comunicación. 1999.

¹⁰ THOMPSON, John B. A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia. 5ª edição. Petropolis: Editora Vozes, 2002.

¹¹ HJARVARD, Stig. Mediatization and cultural and social change: an institutional perspective. Mediatization of Communication. Handbooks of Communication Science. Vol21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

e/ou configuradas por novas estratégias e modos de organização, colocaria todos – produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer, ao mesmo tempo (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

Ciberativismo

Na coletânea “Internet em Código Feminino¹²”, a pesquisadora argentina Graciela Natansohn nos ajuda a compreender como a internet tem sido apropriada e analisada como *locus* de ação e reflexão do movimento de mulheres. Para isso recorre ao conceito de "brecha digital" e informa que conhecer e interpretar essas fendas apontam para os paradigmas de construção da ciência e tecnologia, tendo como pano de fundo as hierarquias de gênero.

Alonso (2007) fala de uma “fratura tecnológica de gênero” que se daria por uma combinação de variáveis: pela alfabetização (pois para acessar a rede é preciso saber ler e escrever), pela falta de capacitação em informática básica e domínio do inglês - língua predominante em nível global -, pelos escassos recursos econômicos para pagar o acesso, pela existência de conteúdos úteis às mulheres e pela inserção de mais mulheres nos contextos de desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Castaño (2010), por sua vez, identifica três tipos de divisões ou brechas digitais. Uma delas refere-se à capacidade de acesso às redes, mensurável quantitativamente através de estatísticas demográficas. A segunda brecha, mais complexa, se detecta investigando o uso que as pessoas fazem da tecnologia e isso é o que demarcaria o grau real de incorporação efetiva à cultura digital. Uma terceira brecha pode ser detectada (seguindo Castaño) se além de seus usos, se observa o lugar das mulheres na produção, desenho e governança da tecnologia digital, isto é, em postos de comando. (NATANSOHN, 2013, p. 17)

Na brecha de acesso, apesar de no Brasil 64,7% da população ter algum acesso à internet, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o uso feito pela maioria se restringe a trocar mensagens em aplicativos de bate papo e assistir vídeos (programas, séries e filmes). A qualidade de conexão aparece também como entrave para a apropriação do ciberespaço. Daqueles que estão offline, um número de aproximadamente 63 milhões de pessoas, o motivo de afastamento do ciberespaço mais comentado é o preço dos serviços de internet e dos dispositivos. Ainda de acordo com

¹² NATANSOHN, L. Graciela (Org.). Internet em código feminino. Teorias e práticas. E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p.

esse censo, mulheres estão mais conectadas que homens (65,5% contra 63,8%), mas isso não significa disrupções para a estrutura e as narrativas do patriarcado.

Como desenvolvido por Larissa Santiago, coordenadora do BN, no “Webnário de Mulheres Negras e ciberativismo”¹³, depois de passarem pelas brechas de gênero e raça mulheres negras ocupam o ciberespaço a partir do momento que entendem que também podem estar na rede e conseguir produzir um conteúdo relevante, que impacte muitas pessoas militando.

No texto “O Algoritmo”¹⁴, a coordenadora do Blogueiras Negras, Charô Nunes, nos faz refletir sobre as condições que interferem na produção e consumo de tecnologia. Tendo em vista as desigualdades produzidas sistêmica e historicamente no Brasil, Nunes traz a definição de algoritmo como "conjunto de instruções executadas de maneira específica" e consegue transferi-la para as interações sociais. Em sua proposição, na sociedade brasileira roda o algoritmo que denomina “Liberdade de Ofensa”, composto por variáveis tais quais cor da pele, classe social, gênero, tipo de corpo, idade, orientação sexual, identidade de gênero, pertencimento e doenças. A discriminação que produz já é ilegal, segundo acordos internacionais pelos direitos humanos, e por isso denotam uma relação de obsolescência, porém não concretizada já que esse algoritmo ainda tem capacidade de informar quais dados e vidas importam.

A pesquisadora também compreende "comunicação" enquanto um algoritmo e uma ferramenta à disposição dos usos que fazem dela. A partir disso, inferimos que tecnologia não é neutra, mas gostaríamos de destacar que a disputa por novas narrativas não está delimitada pela conquista de espaços de visibilidade consolidados por produtos tradicionais da mídia de massa, mas também em construir novos modelos de comunicação e outros espaços de visibilidade com, por exemplo, dispositivos do ciberespaço, que por si só propõe uma mudança na produção e distribuição. Deste mesmo ponto de partida, também são possíveis criar disrupções nas empresas de tecnologia, pois não podemos nos prender a um determinismo dos lugares sociais, mas sim considerar o tensionamento das estruturas de poder, impulsionado por camadas sociais historicamente amordaçadas e impedidas de construir tecnologia.

¹³ CRIOLA. Webnário de Mulheres Negras e Ciberativismo. 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dape8F9cD5c&t=666s>>. Acesso em 27 de março de 2019.

¹⁴ NUNES, Charô. O Algoritmo. Blogueiras Negras. 2018. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2018/01/08/o-algoritmo/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

Tendo em vista que a midiaticização é um processo heterogêneo, que alcança as camadas da sociedade de formas várias, e que as tecnologias são alteradas pelas práticas sociais, quando mulheres negras integram a dinâmica de interação do ciberespaço a partir de plataformas digitais, tensionam os dados que circulam nos meios de produção e distribuição de informação.

Blogueiras Negras e sua força

O Blogueiras Negras surgiu em março de 2012. Ele é derivado do projeto “Blogagem Coletiva da Mulher Negra”, que tinha por objetivo incentivar a escrita de mulheres negras. Nos primeiros anos sua atividade era marcada por reunir muitas denúncias de violências contra mulheres negras, mas a partir da construção de outras estratégias por mulheres negras em rede, o Blogueiras Negras também fortaleceu sua visibilidade e começou a receber mais texto que constroem outras narrativas sobre mulheres negras. Nesses sete anos de existência, compreendemos que a iniciativa Blogueiras Negras se desenrola pelo menos em dois níveis: de site, enquanto repositório intelectual, e de rede, tendo vista as articulações entre coordenadoras e autoras e acionamentos no e para além do ciberespaço. No caso do site do Blogueiras Negras, que é abastecido principalmente por material escrito através de colaboração, as narrativas dessas *outsiders within* são registradas em artigos jornalísticos, científicos, de denúncia e em tantos outros formatos e propostas que demonstram como raça e gênero informam as percepções de mundo.

O status de estrangeiras de dentro (*outsider within*) desenvolvido pela socióloga Patricia Hill Collins (COLLINS, 1986)¹⁵ nos ajuda a perceber que as mulheres negras tem uma visão complexa e privilegiada do self, da família e da sociedade a partir dos locais que se encontram historicamente. Diante as dinâmicas do racismo e do sexismo, mulheres negras desafiam o poder da supremacia branca e heteronormativa a partir do momento em que essas mulheres 1. autodefinem-se e autoavaliam-se; 2. trabalham nos meandros das opressões interligadas e 3. exploram suas próprias vivências.

Em contraste, as experiências das mulheres negras sugerem que essas talvez se conformem abertamente aos papéis sociais impostos a elas, mas secretamente se opõem a estes, oposição moldada pela consciência de se estar no escalão mais baixo da estrutura social. As atividades das mulheres negras nas famílias,

¹⁵ COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Soc. estado.[online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em 01 de Abril de 2019.

Igrejas, instituições da comunidade e expressão criativa podem representar mais do que um esforço em mitigar pressões advindas da opressão. (COLLINS, 1996, p. 15)

Nesse sentido, ela traz observações sobre a “substituição de estereótipos negativos por estereótipos ostensivamente positivos”, dinâmica que notamos ser comum na indústria da comunicação. Perante processos como os de colonização e escravização, mulheres negras de África e sua diáspora têm se esforçado para contarem a história por seus pontos de vistas, de forma a conferir humanidade a si e aos seus. O processo não é simples: gerações têm se debruçado para além de tensionar o racismo e sexismo não cair nas armadilhas que estas estruturas pregam conforme se sofisticam. Uma delas é a substituição de estereótipos pontuada em “Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. Reflitindo sobre as narrativas historicamente registradas na mídia, percebemos que a vida é urgente e complexa para que a simples substituição e o reforço de positivities dê conta das narrativas e práticas de desumanização inscritas no racismo e no heterossexismo. É só olhar para o boom do feminismo interseccional na internet na atual onda do feminismo e o apagamento da atuação de mulheres negras em cunhar essa perspectiva, ou ainda na produção de conteúdo por jovens negras e negros brasileiros em mídias sociais digitais e a assimilação das pautas destes grupos enquanto auto-organizações em produtos como telenovelas e publicidades.

As mulheres que integram o Blogueiras Negras foram instrumentalizadas a partir referências de ativistas que prepararam um terreno intelectual e de luta para que esse trabalho pudesse acontecer com novo fôlego. Neste momento, elas lutam para desarticular outras inverdades do racismo e do sexismo. Sendo ciberativistas, significa que lutar pelo direito à comunicação é uma das estratégias basilares para superar a dimensão epistemicida do genocídio negro e de silenciamento do cisheteropatriarcado. Fundamenta-se, portanto, a razão de um trabalho comprometido com a construção de narrativas antirracistas e antissexistas.

Chamamos a atenção que para a apropriação do ciberespaço acontecer, uma das brechas que essas mulheres fundamentalmente perpassam é a do letramento. Não existiria um site como o Blogueiras Negras sem a escrita. Observando o legado das culturas africanas que estão no Brasil nos deparamos com a oralidade enquanto ferramenta de produção e registro do conhecimento, por vezes exotificada por acadêmicos que pretendem estudar comunidades tradicionais africanas ou afrodescendentes no contexto diaspórico.

Entretanto, como nos ensina a dramaturga Leda Maria Martins em “Afrografias da Memória”¹⁶ escrever não é sobre abandonar a oralidade, mas é estar alinhado com os processos de organização social e de pensamento que remetem as heranças de África. Mesmo que a maioria da população negra se encontre em situações de vulnerabilidade psicossocial, escrever têm sido mais uma das estratégias de resistência. Portanto, não é à toa o surgimento de uma mídia negra, tampouco o nascimento e fortalecimento do Blogueiras Negras.

A matriz africana é lida, assim, como um dos significantes constitutivos da textualidade e de toda a produção cultural brasileira, matriz dialógica e fundacional dos sujeitos que a encenam e que, simultaneamente, são por ela também constituídos. Aos atos de fala e de performance dos congadeiros denominei *oralitura*, matizando neste termo a singular inscrição do registro oral que, como *littera*, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda, no neologismo, seu valor de *litura*, rasura da linguagem, alteração significativa, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas. (MARTINS, 1997, p. 21, apud LIMA, 2017, p. 101)

No contexto da internet 2.0, em que está o BN, o que se acirra nessa escrita é a luta contra o roubo de propriedade intelectual e contra o controle das narrativas antirracistas e antissexistas por vieses que só reforçam os sistemas de opressão. Por mais que a internet tenha potências democráticas, a intelectualidade de grupos subalternos continua a sofrer com investidas de invalidez por parte dos beneficiários dos contratos de opressão.

Olhando para a mídia estruturalmente como tecnologia e instituição, as violências do racismo e do sexismo também compõe o território digital, não somente na medida em que insultos são registrados em dados, mas tendo em vista quem pensa e produz tecnologia no mundo. Em 2017 Pretalab¹⁷ surgiu como uma iniciativa brasileira – do Olabi Makerspace - com foco em estimular a inclusão de meninas e mulheres negras e indígenas no universo das novas tecnologias. No mesmo ano realizaram um mapeamento e identificaram que o acesso desigual à educação e os estereótipos e seguem afastando as

¹⁶ MARTINS, 1997, p. 21, apud LIMA, 2017, p. 101, Fazer sentido para fazer sentir: ressignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras. 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

¹⁷ PRETALAB. Um levantamento sobre a necessidade e a pertinência de incluir mais mulheres negras na inovação e na tecnologia. Pretalab. 2018. Disponível em <<https://www.pretalab.com/>>. Acesso em 07 de Abril de 2019.

mulheres negras e indígenas dos estudos e de uma carreira nas TIC's. A maioria que participou da pesquisa teve contato com a área de maneira informal.

Foram 570 mulheres dos 17 aos 67 anos, com inserções e interesses vários, a maioria concentrados em inovação (29,1%) e transformação social (14,6%). Essas mulheres vêm das cinco regiões do país e de quase todos os estados. Mais da metade tem interesse em desenvolver iniciativas na área -- embora só 20% delas conheçam projetos que juntem mulheres negras e indígenas à tecnologia.[...]Com baixo incentivo para que as mulheres negras e indígenas se envolvam com tecnologia e inovação, o levantamento mostra que a principal porta de entrada delas na área é o aprendizado informal (opção escolhida por 52% das entrevistadas), seguido pelo “Empreendedorismo digital” - segunda posição entre as 18 opções de modalidades de envolvimento com o campo tecnológico. (PRETALAB, 2018)

Agora compreendendo mídia situacionalmente máquina de produção e um lugar de experiências, o Blogueiras Negras é uma ferramenta que distribui conteúdo e um local de construção do conhecimento. Sendo assim, para além das disputas de perspectivas, o Blogueiras Negras enquanto site atualiza a atividade da mídia negra num processo de reterritorialização, criando um espaço propício para a celebração da intelectualidade negra na internet, produzida por mulheres diversas em suas ideias, vidas e identidades durante a segunda década do séc. XXI.

Seguimos para uma breve explanação do Blogueiras Negras enquanto rede. Aqui abarcamos tanto a equipe de coordenadoras quanto as autoras que produzem a iniciativa. São cerca de 200 ativistas que trabalham não apenas escrevendo, mas também protegendo o conteúdo das escritoras e promovendo a plataforma como repositório de conhecimento. A partir dessa interação, as redes pessoais e offline dessas ativistas também se integram ao ciberespaço. A rede conecta objetos, materiais e pessoas. No texto *Rede e Círculo de Mulheres: Empoderamento e Magia*, a produtora cultural Dani Bastos discorre que uma rede de mulheres tem o poder de agir contra a cultura do patriarcado que guia competição e o boicote entre mulheres. No caso da rede de mulheres negras, também disputa a definição da vida das pessoas negras. Articulado com a obra de Patrícia Hill Collins, essas estrangeiras de dentro conectadas compartilham objetos e matérias para construção da vida e a se fortalecem reconhecendo a intelectualidade, os sentimentos e a relevância política uma das outras. No caso de serem atingidas nas interseções entre racismo, sexismo e outras opressões, a rede oferece assistência e apoio político a essas pessoas.

No tocante à brecha incorporação a cultura digital, analisamos que as integrantes da rede que integra o Blogueiras Negras furaram os bloqueios de alfabetização, conhecimento em informática e recursos econômicos. Dessa forma, tem a capacidade de produzir conteúdo relevante para uma camada da população mal representada e mal distribuída na indústria da comunicação no Brasil. Da brecha de governança, carecemos de mais informações internas da equipe do Blogueiras Negras, mas iniciativas como os manuais “Celulares e comunicações: nossa batalha no campo virtual” e “Segurança na internet: nossa batalha no campo virtual”, em parceria da CFMEA, Marialab, SOScorpo, Universidade Livre Feminista, a proteção à cópia dos textos ativa no site e articulação com projetos como o Pretalab, apontam para o trabalho de construir tecnologias de utilidade para ativistas e independência de estruturas tecnológicas que reproduzem racismo e sexismo. Dessa forma, pensamentos e estratégias de luta ganham novos territórios de atuação e reflexão, não apenas no ciberespaço, como também fora dele. Ser mulher negra ciberativista é então lidar com uma distribuição desigual de internet, atravessar as brechas digitais e tomar a responsabilidade de ser exceção para construção de espaços seguros de legitimação da intelectualidade das negras brasileiras.

Conclusão

Como já citado, o racismo e o heterossexismo constroem, estrutural, coletiva e individualmente a desumanização de pessoas como as mulheres negras. Somos reduzidas a puro objeto e somos empurradas na direção do trabalho exploratório e da dúvida de nossas ciências. Por fim, a construção dessas avenidas de discriminação encara uma floresta inteira de vivências e lugares como uma monocultura de *plantation*. Através do compromisso ancestral, a interseccionalidade enquanto ferramenta metodológica colabora em criar uma análise mais complexa dos sistemas de opressão, tendo em vista interseções de sistemas de subordinação.

A compreensão sobre mídia, ao lado dos objetos de pesquisa, é fundamental no desenvolvimento das análises. Nesse sentido, o caráter múltiplo sobre mídia desenvolvido por Krotz se integra a este trabalho permitindo uma articulação necessária à própria complexidade da vida das mulheres negras. Depois de passarem pelas brechas de gênero e raça, a apropriação do ciberespaço por essas pessoas impacta as práticas sociais referentes à construção de tecnologias. Pelo ciberativismo, a relevância de ocupar o ciberespaço pode ser medida nas estratégias que lidam com a seletividade algorítmica de mídias sociais digitais e sistemas de busca, espaços de visibilidade e proteção das ações

ativistas. Da experiência do Blogueiras Negras, em sua rede e seu site, um processo de valorização do conteúdo e da sabedoria de afro brasileiras é estabelecido em articulação com o reconhecimento identitário, político e intelectual. Para disputar as estruturas de poder que se inter cruzam, o Blogueira Negras tem força na sua aliança entre estratégias, oferecendo ferramentas pedagógicas e de assistência aos grupos atingidos nas vias. O site do aciona a autoridade intelectual dessas mulheres a partir da assinatura dos textos das *outsiders within*. A rede se estabelece através de trabalhos colaborativos que instrumentalizam a encruzilhada.

1. Inserir as notas do texto [inclusive as do título e do(s) autor(es)] em fonte (tipo) Times New Roman (não usar sublinhado e usar itálico só para grafia de palavras estrangeiras), em corpo 9 (nove), com espaçamento simples entre as linhas. As notas devem ser colocadas no pé de página, em modo de impressão (devem ficar visíveis na página).

Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte (MG). Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento. 2018.
- BASTOS, Dani. **Rede e círculo de mulheres: empoderamento e magia.** Blogueiras Negras. 2016. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2016/11/07/rede-e-circulo-de-mulheres-empoderamento-e-magia/>>. Acesso em 21 de janeiro de 2019.
- BLOGUEIRAS NEGRAS. **Quem somos? - Reiventando a tela.** Blogueiras Negras. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/quem-somos/>>. Acesso em 19 de janeiro de 2019.
- CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria. **Guia Prática de Estratégias e Táticas para a Segurança Digital Feminista.** Universidade Livre Feminista. 2017. Disponível em <<http://www.feminismo.org.br/guia/guia-pratica-seguranca-cfemea.pdf>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2019.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Soc. estado.[online]. 2016, vol.31, n.1, pp.99-127. ISSN 0102-6992. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>>. Acesso em 01 de Abril de 2019.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas. p.171-188, v. 10, n.1, 2002. Disponível em <<http://www.redalyc.org/html/381/38110111/>>. Acesso em 01 de Abril de 2019.
- CRIOLA. **Webnário de Mulheres Negras e Ciberativismo.** 2016. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=dape8F9cD5c&t=666s>>. Acesso em 27 de março de 2019.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Fragmentos de uma analítica da midiáticação.** MATRIZES. N° 2. Abril de 2008.
- GOMES, Simões Helton. **Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE.** Portal G1. 21 de Fevereiro de 2018. Disponível em <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em 14 de Fevereiro de 2019.
- HJARVARD, Stig. **Mediatization and cultural and social change: an institutional perspective.** Mediatization of Communication. Handbooks of Communication Science. Vol21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

KROTZ, Friedrich. **Mediatization as a mover in modernity: social and cultural change in the context of media change.** Mediatization of Communication; Handbooks of Communication Science. Vol 21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

LIMA, Diane Sousa da Silva. **Fazer sentido para fazer sentir: ressignificações de um corpo negro nas práticas artísticas contemporâneas afro-brasileiras.** 2017. 202 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

LUNDBY, Knut. **Mediatization of Communication.** Mediatization of Communication. Handbooks of Communication Science. Vol 21. Berlin/Boston: De Gruyter. 2014.

MATA, Maria. **De la cultura massiva a la cultura mediática.** Diálogos de la comunicación. 1999.

NATANSOHN, L. Graciela (Org.). **Internet em código feminino. Teorias e práticas.** E-book. Ed. em português revista e ampliada. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2013. v. 1. 192p.

NUNES, Charô. **O Algoritmo.** Blogueiras Negras. 2018. Disponível em <<http://blogueirasnegras.org/2018/01/08/o-algoritmo/>>. Acesso em 20 de janeiro de 2019.

PRETALAB. **Um levantamento sobre a necessidade e a pertinência de incluir mais mulheres negras na inovação e na tecnologia.** Pretalab. 2018. Disponível em <<https://www.pretalab.com/>>. Acesso em 07 de Abril de 2019.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia.** 5º edição. Petropolis: Editora Vozes, 2002.

SOARES, Mariana Gomes da Silva. FERREIRA, Giovandro Marcus. **Midiatização e ciberativismo afrofeminino.** Congresso de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal da Bahia. 2018.